

A CAMINHO DA ESSÊNCIA: A ASCESE, SEGUNDO O NEO-PITAGORISMO

Bárbara Perez (UFRJ)
barbaraperez9@gmail.com

RESUMO

Dario Vellozo, poeta e pensador simbolista do final do século XIX e início do XX, além de ter participado ativamente da edição de diversas revistas simbolistas, como uma das mais importantes delas, “O Cenáculo”, também fundou o Instituto Neo-Pitagórico, dedicando parte de sua obra à explanação de sua doutrina: o neo-pitagorismo. Em 1969, por ocasião do centenário de nascimento de Vellozo, o instituto compilou todos os vinte e um livros do autor em uma antologia de três volumes. O objeto do presente estudo encontra-se no primeiro livro do primeiro volume dessa coletânea: *Hôrto de Lisis*. *Hôrto de Lisis* é um livro que figura fortemente as ideias neo-pitagóricas. A obra inicia-se com uma proposta de tradução, do próprio autor, para os “Versos de ouro”, tidos como o resumo da doutrina de Pitágoras, segundo seu discípulo Lisis. Esses versos são tidos como o manual ascético pitagórico, contendo o passo a passo, da preparação, passando pela purificação, para atingir-se a perfeição. A partir desses versos, Vellozo escreve “Ramo de ouro”, subtítulado “Estâncias ao Peregrino Efêmero”, em que o autor descreve a chegada de Ahasverus, o judeu peregrino, à “essência”, construindo um manual ascético de práticas bem definidas: o caminho da perfeição. “Ramo de ouro” em muito se aproxima dos “Versos de ouro”, porém não como uma tentativa de imitação ou emulação, mas sim como uma revisão, uma atualização dos princípios de Pitágoras. Assim, o objetivo do presente trabalho encontra-se em explicar, com base em “Ramo de ouro”, a doutrina ascética do neo-pitagorismo. Para tanto, pretende-se analisar os pontos de contato entre esse poema e a tradução de Vellozo dos pitagóricos “Versos de ouro”, apontando assim, para a releitura do pitagorismo feita pelo simbolista que o levou a chamar sua própria doutrina de “neo-pitagorismo”.

Palavras-chave:

Ascese. Mística. Neo-pitagorismo. Simbolismo.

Dario Vellozo, poeta e pensador da primeira geração simbolista do final do século XIX e início do XX, além de ter participado ativamente da edição de diversas revistas simbolistas, como uma das mais importantes delas, *O Cenáculo*, também fundou, em 1909, o Instituto Neo-Pitagórico, que existe até hoje, com sede em Curitiba. O escritor dedicou parte de sua obra à explanação de sua doutrina: o neo-pitagorismo.

Maçom, Vellozo dedicou sua vida ao estabelecimento de um movimento esotérico nacional, surgindo daí o neo-pitagorismo, com influências maçônicas, porém inteiramente brasileiro, em um esforço que pode ser considerado nacionalista. Seguindo a tendência da estética sim-

bolista, em seus livros, especialmente os doutriniais, há um apagamento da diferença entre esoterismo e literatura, dando à literatura um caráter, de fato, esotérico, mas, principalmente, à doutrina, valor literário, de onde parte este trabalho.

Um de seus livros em que figuram fortemente as ideias neopitagóricas é *Hôrto de Lisis*. A obra inicia-se com uma proposta de tradução, do próprio autor, para os “Versos de Ouro”, tidos como o resumo da doutrina de Pitágoras, segundo o discípulo Lisis. A partir desses versos, Vellozo escreve “Ramo de Ouro”, subtulado “Estâncias ao Peregrino Efêmero”, em que o autor descreve a chegada de Ahasverus, o judeu peregrino, à “essência”, construindo um manual ascético de práticas bem definidas. O poema do simbolista em muito se aproxima da tradução por ele feita dos “Versos de ouro”, porém não como uma tentativa de imitação ou emulação, mas sim como uma revisão, uma atualização, dos princípios de Pitágoras, apontando, assim, para a releitura do pitagorismo feita por Dario Vellozo que o levou a chamar sua própria doutrina de “neopitagorismo”.

“Versos de Ouro”, poema atribuído a Pitágoras, porém efetivamente escrito por seu discípulo Lisis, é um resumo do que seria a doutrina pitagórica. O poema-doutrina é escrito tal qual um guia ascético, dividido em suas três partes clássicas: “Preparação”, “Purificação” e “Perfeição”.

Na “Preparação”, menor das três partes, com apenas quatro versos, é rendido culto aos deuses, aos heróis e aos espíritos e ressalta-se a importância da fé e da memória. Na “Purificação”, “Tu deves contemplar no presente o futuro” (VELLOZO, 1969, p. 12), trazendo as regras a serem seguidas no dia a dia para que se possa ascender à próxima etapa. Etapa essa a “Perfeição”, caracterizada no poema pela descrição dos procedimentos a serem adotados para que “Mesmo entre os Imortais consigas ser um Deus!” (*Id., ibid.*, p. 13), ou seja, como prosseguir na ascese mesmo quando o objetivo dela parecer já ter sido alcançado. Assim, percebe-se uma preocupação, na primeira parte, com o passado, na segunda, com o presente e, por fim, com o futuro.

Por sua vez, o poema autoral de Dario Vellozo também possui suas subdivisões, cinco e não três, marcando, desde então, uma diferença em relação aos versos pitagóricos. São elas, em ordem: “Caminho da Perfeição”, “Bússola da Vida”, “Através da Harmonia”, “Ciclo de Ouro” e “Alfombra da Luz”. As três primeiras partes possuem semelhanças em relação às subdivisões dos “Versos de Ouro”, porém as duas últimas são

adições que contribuem para o caráter inovador do Neo-Pitagorismo sobre o Pitagorismo.

Em um primeiro momento, a aproximação entre as três primeiras partes de ambos os poemas pode ser feita a partir da ideia já apresentada da preocupação pitagórica com a organização das práticas ascéticas na ordem passado, presente e futuro, mas também pelo campo semântico e as práticas recomendadas em si. “Caminho da Perfeição”, assim como “Preparação”, tem uma relação forte com a ideia de passado e anterioridade, como fica claro em passagens como:

Os *delitos morais*, contra os quais a *Civilização* não clama, constituem o crime: porque, não *feito*, mas *causa* do crime.

As idéias, os pensamentos, *bons ou maus*, vivem. Quem gera ideias, gera palavras e atos. Quem gera ideias, fecunda cérebros; quem gera más idéias, fecunda cérebros malmente.

Os geradores de más ideias, são os verdadeiros responsáveis dos delitos. (VELLOZO, 1969, p. 17) (Grifos no original)

Nesse trecho, percebe-se a preocupação com a causa e, principalmente, com o pensamento, que vem a ser o ponto principal de “Caminho da Perfeição”. O pensamento é colocado como a causa das palavras e dos atos e, conseqüentemente, dos delitos e crimes, ficando, então, clara a ambientação dessa parte do poema no passado, no sentido de um estágio anterior, a causa.

Quanto ao campo semântico e as práticas recomendadas nessa primeira subdivisão do texto simbolista, eles também se relacionam ao primeiro terço do poema pitagórico. No campo lexical, no poema grego, são termos importantes “lembrança” e “memória”, conceitos que também se expressam no trabalho de Vellozo em palavras como “recordar”, “ideia” e “pensamento”. Sobre as práticas recomendadas, Pitágoras afirma: “Aos Deuses imortais o culto consagrado/Rende; e tua fé conserva. Prestigia/Dos sublimes Heróis a imárcida lembrança/E a memória etereal dos supernos Espíritos” (*Id., ibid.*, p. 11). O Neo-Pitagorismo, por sua vez, confirma: “Caminhar para a Perfeição é almejar ouvir a *Voz do Silêncio*” (*Id., ibid.*, p. 15. Grifos no original), podendo essa voz ser facilmente relacionada aos deuses, heróis e espíritos do primeiro poema, principalmente considerando-se que, em “Caminho da Perfeição”, o abandono ao materialismo e aos prazeres do corpo são dados como essenciais.

Sobre a relação entre “Purificação” e “Bússola da Vida”, a palavra principal é “ato”. Só essa afirmação já pressupõe uma relação dessas par-

tes com o tempo presente, visto que o ato, diferentemente da potência, é, imanentemente, ou seja, não vem a ser, como o passado e o futuro, que possuem caráter transitório. No mais, ambas as partes configuram-se como diretrizes bastante específicas de conduta diária, como em Pitágoras com passagens como “Bom filho, reto irmão, terno espôso e bom pai/Sê” (VELLOZO, 1969, p. 11) e em Vellozo com a delimitação dos Cinco Votos: “—Juro não matar homem ou animal;/Juro não roubar;/Juro não manter ilícitas relações;/Juro não mentir;/Juro não usar tóxicos nem narcóticos” (*Id., ibid.*, p. 18).

A última das partes que aqui se propõem como possuidoras de relação direta com o poema de Lisis é “Através da Harmonia”, em comparação com a “Perfeição” pitagórica. Essa parte do poema simbolista possui um tom mórbido, marcado por termos como “Morte”, “Mármore”, “covas”, “epitáfios”. Tal tom associa-se imediatamente à ideia de futuro, visto que a morte é uma etapa última para a qual é necessário preparar-se, pitagoricamente, “Que se não passe um dia, amigo, sem buscas/Saber: Que fiz eu hoje? E, hoje, que olvidei?” (*Id., ibid.*, p. 12), e neo-pitagoricamente, “Irmão, façamos o sacrifício de nossa íntima ventura; volvamos à Terra, auxiliemos o evolver dos Instintivos, indiquemos o *Caminho da Perfeição* aos Efêmeros inferiores!” (*Id., Ibid.*, p. 21. Grifo no original.).

A ideia de preparar-se para a morte é, de fato, uma constante nos dois textos, mas já serve também como marca da diferença entre os dois. Em ambas as concepções dessa preparação, há a consideração do que foi feito ao longo da vida, um julgamento de conduta que definirá o destino após a morte. Mesmo tendo, Dario Vellozo e Pitágoras, critérios muito semelhantes, como a compreensão de um ritmo da natureza, para o bom encaminhamento da alma, a chegada ao Eiter, à Essência, há uma diferença fundamental entre os dois: a iniciação. Apenas pelos últimos trechos citados, já é possível perceber como o pitagorismo propõe apenas o seguimento dos princípios como ascese e como o poeta brasileiro enfatiza a necessidade de não só ser um iniciado no Neo-Pitagorismo, mas também de ser um difusor do Instituto.

Justamente essa necessidade de iniciação e difusão que leva às duas outras partes do poema simbolista que não se relacionam intrinsecamente com a doutrina pitagórica. A primeira delas é “Ciclo de ouro”: “A FRATERNIDADE é a Lei da Vida” (VELLOZO, 1969, p. 21). Com essa afirmação, que inicia esse quarto componente do texto de Vellozo, tem-se, então, uma adoração às ideias de fraternidade e solidariedade, in-

centivando a passagem dos ensinamentos neo-pitagóricos a quem não os conhece, como fica evidente em passagens como: “Os Invisíveis da ES-SÊNCIA são veículos de ideias./Quando um cérebro vibra faz vibrar outros cérebros” (*Id., ibid.*, p. 22) e “Para alcançar a porta do Templo, forçoso o haver já auxiliado o Instintivo a se tornar consciente; forçoso haver britado a pedra bruta e auxiliado os Arquitetos de Hiran na propaganda fraternizadora” (*Id., ibid.*, p. 22).

O outro ponto essencial da doutrina neo-pitagórica que não aparece em sua predecessora é a necessidade da iniciação. Justamente sobre isso trata o final do poema de Dario Vellozo, “Alfombra da Luz”. Nessa parte da obra, há uma espécie de prova, em que o personagem principal do poema, o “Peregrino Efêmero”, é finalmente indicado nominalmente como Ahasverus e precisa responder a uma série de perguntas para, então, tornar-se um iniciado e, finalmente, poder ascender à “Alfombra da Luz”, o último estágio antes da Essência:

E sôbre os ombros do postulante caiu o hábito de linho.

— Peregrino, a pureza do linho lembra ao Iniciado a pureza das idéias, palavras e atos. Instruir-se, para instruir; educar-se, para educar, é o fim de toda iniciação suprema. Instruir e educar é emancipar consciências; é conduzir os seres aos *ciclos de ouro* da FRATERNIDADE. (VELLOZO, 1969, p. 25)

É interessante notar que a última etapa a qual conduz o manual ascético é a “Alfombra da Luz”. “Alfombra” é uma espécie de “tapete espesso e muito macio, de cores e figuras diversas” (dicionário Houaiss) e, “A Alfombra da Luz é trâmite do Santuário; no Santuário fulge a ES-SÊNCIA” (*Id., ibid.*, p. 26). Ou seja, o neo-pitagorismo não conduz à essência, mas sim às portas dela, a uma quase essência, reiterando o caráter ascético da doutrina, de não levar a um ponto final, mas possibilitar a condução da alma a um estágio cada vez mais superior, se assim o desejar o iniciado.

“Ramo de Ouro” é subtítulo “Estâncias ao Peregrino Efêmero” em referência a Ahasverus, o judeu que, segundo a tradição oral cristã, foi condenado, por uma ofensa a Jesus, a não morrer até que o Messias retornasse. Assim, assumindo-se que a ascese tem em si um caráter de transcendência que leva a um estágio cada vez menos corpóreo e mais próximo do divino, é fácil imaginar o quão longe estaria esse estágio de um homem amaldiçoado que não é capaz de abandonar a realidade corporal. Por isso, é extremamente interessante que Dario Vellozo tenha escolhido Ahasverus como o neo-pitagórico prototípico: seria a ascese exemplar. Se até um condenado à vida consegue, todos podem conseguir.

Dessa forma, Dario Vellozo constrói um manual ascético, baseado nas práticas pitagóricas, porém com adições próprias que acabam por caracterizar a sua doutrina como neo-pitagórica; daí, o Instituto Neo-Pitagórico, existente a mais de cem anos. Se, para Pitágoras, basta que “Sobre teu corpo reine e brilhe a Inteligência/Para que, te ascendendo ao Eter fulgurante,/Mesmo entre os Imortais consigas ser um Deus!”, para o simbolista, “As Portas de Ouro levam ao adito do Instituto; no santuário fulge a ESSÊNCIA!” (VELLOZO, 1969, p. 17).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

VELLOZO, Dario. *Hôrto de Lisis*. In: _____. *Obras I*. Curitiba: Instituto Neo-Pitagórico, 1969. p. 7-26.